
“EDUCANDO-OS EM NOME DO PAI”: A IGREJA BATISTA DE BODOCONGÓ E A FUNDAÇÃO DA ESCOLA VISÃO MUNDIAL – 1982

Autor: SILVA, Alisson Pereira¹
Orientador: SANTOS, João Marcos Leitão

Introdução

De acordo com o José Nemésio Machado, a Associação Nacional de Educandários Batistas (ANEBA) havia cunhado uma frase que assim dizia: “A verdadeira educação começa em Cristo” (Apud MACHADO, 1994, pág. 68)². Isto é um mote interessante para iniciarmos nossa discussão, uma vez que esta frase pode ser uma síntese do pensamento que os batistas tinham no que diz respeito à educação. No referido *slogan* podemos perceber que os batistas consideravam a educação como sendo uma ferramenta bastante útil para que a evangelização fosse efetuada de forma mais eficiente. Ademais, inferimos que a valorização da educação por parte dos batistas revela uma preocupação dos mesmos em relação ao homem como um todo. Isto se torna válido se considerarmos que o Evangelho pode ser entendido como uma mensagem que propõe perceber o homem de forma holística. Sobre estas divagações não achamos necessário nos deter, tendo em vista que outros autores se esmeraram em fazê-lo, como também as mesmas tornariam o nosso trabalho redundante. Queremos, contudo, enfatizar que este projeto educacional ecoou pelas décadas que se passaram, chegando mesmo a alcançar as últimas décadas do século XX, e envolvendo uma comunidade batista que se formara no bairro de Bodocongó, no município de Campina Grande–PB.

A gênese da comunidade

A comunidade Batista de Bodocongó foi o resultado das missões norte-americanas realizadas em fins da década de 70. Essas missões foram apoiadas pela 1ª Igreja Batista de Campina Grande, que posteriormente tutelou esta comunidade por

¹ Graduando do curso de História da UFCG e aluno bolsista do PIBIC/CNPq, pesquisador do projeto “Protestantismo e Ideologia política no Brasil Imperial: 1822–1840”

² Esta frase foi cunhada poucos anos depois da fundação da ANEB, em 1967.

alguns anos. Inicialmente, esta comunidade se reunia em um pequeno local, próximo à Sociedade Amigos do Bairro (SAB). Poucas pessoas faziam parte desta congregação, composta – na maioria – por membros da 1ª Igreja Batista de Campina Grande e pessoas oriundas das Igrejas Católicas do bairro de Bodocongó. No início da década de 80, a comunidade mudou o local de reuniões para as proximidades do cemitério do bairro, onde ainda hoje se encontra. Até o mês de Abril de 1982, esta comunidade recebia um auxílio financeiro por parte da Igreja-mãe, além de doações oriundas do Mississippi, nos Estados Unidos.

O vínculo desta pequena comunidade com as Igrejas Batistas do estado do Mississippi deve-se a influência de Edward Bruce Trott, um pastor norte-americano que veio ao estado da Paraíba fazer trabalhos missionários. Ele assumiu a liderança da 1ª Igreja Batista, bem como estabeleceu outras Igrejas na cidade de Campina Grande e pelo interior do Estado, como podemos atestar na leitura que fizemos do 1º livro de atas da Igreja Batista de Bodocongó³. Percebemos então que a comunidade batista localizada no bairro de Bodocongó – bem como todas as outras congregações que foram sendo formadas dentro do Estado da Paraíba por parte da ação da equipe liderada por Edward Trott – teve a influência direta dos métodos e estratégias norte-americanas, principalmente no que diz respeito às estratégias de evangelização. É neste sentido que mencionamos a criação de uma escola, por volta do ano de 1982, que ficou conhecida como Escola Visão Mundial.

1982: o ano da preparação

A formação da Escola Visão Mundial consistiu em um processo que durou quase um ano, o que pode ser considerado um bom tempo para a organização de uma instituição. Ao mesmo tempo, a proposta para que a mesma fosse organizada foi feita de modo um tanto que repentino, visto que já na primeira ata do livro é mencionada e aprovada a proposta, como podemos ler nas linhas a seguir: “Foi apresentada pelo irmão Benedito Rufino a possibilidade de se organizar uma escola com a participação do

³ Dentre estas igrejas, podemos citar as congregações batistas na cidade de Taperoá e Santa Luzia.

projeto Visão Mundial, o que foi proposto, apoiado e aceito por unanimidade”⁴. Tal declaração extraída das fontes nos leva a uma problemática: quais as razões que levaram a congregação a aprovar tal proposta? Tendo em vista que esta era a primeira reunião oficial da Igreja, outros assuntos seriam mais recorrentes. Porém, dentro dos temas a serem discutidos, ocorre uma proposta que a nosso ver é tanto que intrigante. Ora, a igreja ainda estava em formação e precisaria organizar certos problemas de foro administrativo e operacional. Pensar na formação de uma escola era uma ideia prematura – poderiam pensar alguns. Isso seria verdade se não levássemos em consideração a prioridade que os batistas davam à educação. É provável que este instrumento – a educação – servisse para a igreja como uma maneira de amalgamar três aspectos importantes: primeiramente, a assistência social às comunidades próximas; em segundo plano, a conquista da credibilidade e confiança perante estas mesmas comunidades e, por último, pregar o evangelho às comunidades. Para entendermos este amálgama, precisamos fazer um breve resumo sobre as comunidades próximas a Igreja Batista de Bodocongó.

O alvo das ações de assistência social e espiritual: as comunidades

Se observarmos bem, a referida igreja foi formada no meio de comunidades⁵ que estavam emergindo na cidade de Campina Grande. Comunidades essas que foram sendo construídas desde o início da segunda metade do século XX – a princípio, às margens do Açude de Bodocongó e, posteriormente, por causa do crescimento da indústria local⁶. A princípio esses bairros e conjuntos habitacionais eram compostos, em sua maioria, por pessoas que viviam em condições difíceis. Eram comunidades carentes, lugares propícios para se oferecer serviços de assistência social. Provavelmente por este motivo, Benedito Rufino, em 23 de Janeiro de 1983, apresentou à igreja uma proposta de convênio com a Clínica de Oftalmologia Dr. Williams Araujo. Esta proposta foi

⁴ Igreja Batista de Bodocongó. Ata da reunião realizada no dia 9 de Maio de 1982. Livro I, folha 16.

⁵ As comunidades que estamos nos referindo são os atuais Bairros da Ramadinha, Bairro de Bodocongó e o Conjunto Severino Cabral.

⁶ Podemos citar a construção de fábricas como a Indústria Têxtil, a Indústria de Papel e Celulose S/A – IPELSA e os Curtumes Antônio Vilarim e Manoel Liandro.

“apoiada pelo irmão Manoel Martins e aceito por unanimidade”⁷. Analisando a ficha de matrícula da Escola Visão Mundial do ano de 1982, percebemos o alcance social que a escola obteve. Fazendo um levantamento dos endereços do bairro de Bodocongó, chegamos à conclusão que a área de abrangência do serviço da escola era considerável, atingindo pessoas dos atuais bairros da Ramadinha e do conjunto Severino Cabral.

Além do mais, a escola serviu de instrumento para que a igreja pudesse ter maior liberdade para evangelizar as pessoas da comunidade próxima. Tendo ganhado a confiança das pessoas das comunidades circunvizinhas, formava-se então um ambiente favorável para anunciar-lhes o evangelho. Percebemos isto de forma prática ao lermos no livro de atas as seguintes palavras: “O irmão Benedito Rufino abordou a necessidade de visitar as pessoas entrevistadas pela Trans Bodocongó, aos novos decididos e **às famílias dos alunos do projeto ‘Visão Mundial’**”⁸. Segundo alguns relatos orais de pessoas que viveram nesta época⁹, por meio da escola, muitas pessoas começaram a fazer parte da igreja, tornando-se membros atuantes – alguns tornaram-se pastores e líderes de outras igrejas.

Entretanto, é tendencioso demais ficar no senso comum, pensando nestes projetos como sendo ações harmoniosas entre idealizadores, igreja e comunidade, tendo em vista que, em quase todas as propostas lançadas sobre a mesa nas assembleias, estas eram apoiadas e aceitas por unanimidade. Não havia tanta discussão sobre tais projetos – a isto fazemos referência à organização da Escola Visão Mundial. Os membros presentes nas assembleias eram coagidos a não discutirem os assuntos? Quem liderava a igreja ganhara toda a confiança de seus membros, tendo em vista que ele era um norte-americano e sabia o que estava fazendo?¹⁰

Rompendo com o senso comum

⁷ Igreja Batista de Bodocongó. Ata da reunião realizada no dia 23 de Janeiro de 1983. Livro I, folha 23.

⁸ Idem, folha 28 (Grifo nosso).

⁹ Como é o caso da Ir^a. Edvan Gomes Dantas e Silva, membro da Igreja Batista de Bodocongó desde 1985. Ela acompanhou de perto o trabalho da Escola Visão Mundial e hoje ela é a 1^a Secretária da Igreja Batista de Bodocongó.

¹⁰ Uma ressalva é necessário fazer. Quando os norte-americanos chegaram ao Brasil por volta da segunda metade do século XIX, trouxeram consigo os seus projetos sociais. Se consideravam na vanguarda da civilização e por isso julgavam que tinham a obrigação de levar a um estilo de vida que para eles era digno. E não apenas digno, mas também moderno. Os brasileiros precisavam ser civilizados e por isso não deveriam perguntar muita coisa sobre nossos projetos – poderiam supor.

Mediante a leitura que fizemos de nossas fontes, podemos dizer que nem todos sabiam a fundo sobre o projeto – da Escola Visão Mundial – que estavam votando. As mesmas pessoas que apoiaram e aceitaram o projeto foram as mesmas que, quase um ano depois da aprovação do projeto, questionaram sobre aspectos básicos, como podemos ler em um trecho do livro de atas: “O irmão Walmêr pediu esclarecimento sobre a escola, se a mesma tem alguma ligação com a Igreja e por que a gerente foi aceita, não sendo [ela] membro desta Igreja”¹¹.

Em primeiro lugar, destacamos a primeira parte da citação. Eles – os membros – não sabiam se a Escola tinha ou não ligação com a Igreja. A confusão era tanta que houve assembleias em que o assunto a ser tratado era se a zeladora da igreja era a mesma da Escola¹². Portanto, parece-nos que a aceitação por unanimidade do projeto de organização da Escola Visão Mundial foi produto de qualquer outra coisa que não foi a consciência dos membros sobre o mesmo. Isto dizemos pelo fato de que na Assembleia realizada no dia 09 de Março de 1984, Walmêr – o mesmo que questionou sobre o projeto – havia proposto organizar uma comissão para fiscalizar as finanças do projeto.

Porém, o pedido de esclarecimento sobre o projeto pode ser entendido pela falta de informação sobre o mesmo. Poderia haver um receio de que a Escola estivesse se aproveitando das dependências da igreja para usufruir de benefícios privados, algo que aconteceu com muitas escolas protestantes que foram sendo implantadas no Brasil¹³. Daí, destacamos a segunda parte da citação mencionada no primeiro parágrafo desta seção. O membro que se levanta para tirar satisfações com o Pastor da Igreja questiona o fato da gerente do Projeto não ter sido escolhida dentro da membresia da Igreja. Perguntamos então: por que tanta preocupação com este assunto? A resposta não é óbvia, mas também não é extraordinária. A escolha da gerente do Projeto, em 14 de Novembro de 1982, envolvia a seguinte tarefa: apresentar mensalmente um relatório de trabalho, mostrando como vai o andamento da escola, e um relatório financeiro,

¹¹ Igreja Batista de Bodocongó. Ata da reunião realizada no dia 13 de Abril de 1983. Livro I, folha 26.

¹² Na assembléia realizada em 13 de Abril de 1983, foi trazido à baila o assunto da limpeza da Escola, o que ficou decidido que a Escola deveria ter a sua própria zeladora, o que antes era papel da zeladora da igreja.

¹³ Estas escolas protestantes, quando cresciam e garantiam certa estabilidade, pediam desligamento da instituição, o que beneficiava os idealizadores – os verdadeiros “donos” – das escolas.

explicitando quais eram os gastos que se faziam na Escola. Porém, desde o início das aulas, os relatórios não haviam sido apresentados perante a igreja, ação feita apenas em Junho de 1983. Portanto, vemos o receio por parte dos membros da igreja sobre o que estava acontecendo na Escola, o que não exclui o fator de que eles não conheciam bem o projeto que estavam votando em 09 de Maio de 1982.

Percebamos então que as relações entre lideranças, igreja e comunidade não eram tão harmoniosas assim. Havia um projeto pronto por parte de quem liderava a igreja. Projeto esse que deveria, a seu ver, ser executado. A igreja apóia este projeto, por motivos dos mais diversos, mas não o conhece por completo. As comunidades beneficiadas pelo projeto não podem ser classificadas como assimiladoras do objetivo real do mesmo. Se muitas pessoas foram alcançadas por meio da ação da Escola, muitos também a consideravam como local de aprendizado, ou seja, laicizaram aquilo que, para os idealizadores, era o instrumento que levariam muitos a um caminho de vida sacralizada.

Considerações Finais

Consideramos esta temática oportuna, uma vez que este estudo de caso no levou a perceber a permanência de práticas que revelam o ideário da educação protestante no Brasil, desde e segunda metade do século XIX até os primeiros anos da década de 80 do século XX. Neste ideário há uma certa ambivalência: de um lado, os idealizadores dos projetos educacionais. Do outro lado, os executores dos projetos e os beneficiários dos mesmos. Aqueles, que vinham de longe, tinham em mente todos os objetivos a serem traçados, tinham uma ideia de “civilizar” o Brasil pela educação. Estes, que viviam nesta terra, estavam à parte destes projetos, mesmo que sendo seus executores ou beneficiários. Bem sabemos que um dos fatores de crescimento das escolas protestantes no final do século XIX eram as melhores condições de ensino que elas ofereciam – se comparadas às instituições de ensino católicas. Porém, com o fortalecimento das instituições de ensino do Estado, por volta da primeira metade do século XX, a educação confessional protestante teve a tendência de cair um pouco mais, sobrevivendo como instituições semelhantes às ONG’s. Mesmo assim, a ambivalência

entre idealizadores dos projetos educacionais e executores ou beneficiários permaneceu, algo que nós pudemos ver no estudo de caso da formação da Escola Visão Mundial através das fontes que nós investigamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Igreja Batista de Bodocongó. **Atas, Livro I (1982–1988)**;

MACHADO, José Nemésio. **A contribuição batista para a Educação Brasileira**. Rio de Janeiro, JUERP, 1994;

SCHULZ, Almiro. **Educação confessional Batista no Brasil**. ABIEE – I Encontro para Historiadores. Piracicaba, São Paulo, 2004.